



VOZ de ANTAS

Janeiro - Fevereiro 2010
3ª Série - Ano XXXIII - n° 235



Taxa Paga - 4740 ESPOSENDE

Preço Avulso: 1,50 Euros

COMUNGAR NÃO É SEMPRE PARA TODOS

«Todas as vezes que comeis este pão e bebeis este cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha. Portanto, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, cada um a si mesmo, è assim coma desse pão e beba desse cálice, porque aquele que o bebe e o come não distinguindo o corpo do Senhor, come e bebe a sua própria condenação» (1 Coríntios 11, 26-29).

1. Estas palavras de S. Paulo, da sua primeira carta aos Coríntios, têm cerca de mil novecentos e cinquenta anos. Foram escritas por volta do ano 57 da era cristã, aproximadamente 30 anos depois da morte e ressurreição de Jesus. Não refiro estes números de ânimo leve. Faço-o para que fique claro quão grande é o mistério que celebramos em cada domingo e qual a exigência que devemos colocar no acto de sair do nosso lugar, aproximar-nos do ministro da comunhão e receber o corpo do Senhor. Fazê-lo sem esta exigência é correr o risco de «comer» a própria «condenação».

2. Quando S. Paulo escreveu estas palavras, tinha em vista comportamentos dos cristãos de Corinto indignos de discípulos de Jesus. E escreveu-as com a autoridade que lhe vinha do próprio Cristo e da missão a ele confiada pela Igreja de Jerusalém, de anunciar o Evangelho entre os gentios. Hoje, tal como no tempo de Paulo, quem define o que, em consciência, torna «réu do corpo e do sangue do Senhor», não é cada um de nós mas a Igreja, através daqueles que, nela, foram investidos nessa autoridade: o Papa e os bispos em união com ele.

cont. na página 3

Homenageemos

CORRÊA D'OLIVEIRA no 50.º aniversário da sua morte



Muitos dos leitores ainda se lembram daquele dia triste. Foi há 50 anos. No pequenino jornal "Voz de Antas", de Março de 1960, que o padre Apolinário Rios fundara três anos antes, pela pena do jovem sacerdote Adélio Torres Neiva davam-se os pormenores: "Foi com viva emoção que o povo de S. Paio recebeu a notícia da morte do Senhor Poeta, aos 17 minutos do dia 20 de Fevereiro.

cont. na pág. 5

Festas Religiosas 2009 Apresentação de Contas

Página 3

O MELHOR LUGAR PARA OS IDOSOS

Páginas 4

É triste ser velho mas mais triste é a ingratidão

Página 8

C A T E Q U E S E

Chegou ao fim o primeiro período da catequese. É tempo de reflectir e avaliar o caminho feito. Durante este período tivemos, como tempos fortes, a festa do acolhimento do 1º ano, o início do advento com a bênção das coroas do advento e a distribuição do livro -Rezar no Advento- a todas as crianças e adolescentes da catequese presentes na celebração, a festa da luz do 3º ano, a celebração e festa do natal e o Lausperene.

Na celebração foi distribuído o seguinte cartão que pretendia chamar a atenção para os valores que devem nortear a vida de todos os cristãos.

Podemos dizer que as crianças e adolescentes presentes na celebração do início do advento e na celebração do natal representam, aproximadamente, 80% dos inscritos na catequese. Perguntamos: e os outros? Mas

perguntamos mais: Onde estão estas crianças e adolescentes nas restantes celebrações? Qual o interesse dos pais na efectiva vivência cristã dos seus filhos e na sua

de que fazem parte são indiferentes a tudo o que a ela diz respeito e se falam é para criticar catequistas e pároco.

É necessário mudar de

meio período possam ser resolvidos. A catequese é responsabilidade da comunidade paroquial e não somente dos catequistas. Por tal motivo, todos devem colaborar para que o esforço feito produza frutos.

Salientamos, por fim, a programação prevista para os próximos meses que terá o seu ponto mais alto na vivência da Quaresma e na Celebração Pascal. À semelhança dos anos anteriores teremos a via-sacra com quadros vivos representados por todos os anos de catequese, grupo de jovens e pastoral familiar. Também à semelhança dos outros anos esperamos que todos participem com entusiasmo e respeito para que os objectivos definidos para esta jornada - evangelizar e demonstrar publicamente a nossa fé - possam ser plenamente atingidos.



própria vivência cristã?

De facto, muito do que se passa nas sessões de catequese em geral e, particularmente, nas dos adolescentes revela uma confrangedora falta de interesse dos pais por tudo o que à catequese diz respeito. Não é possível aos catequistas motivar os adolescentes para os temas da catequese se a família

atitude sob pena de, qualquer dia, não termos catequistas que se disponham a trabalhar na evangelização dos adolescentes. Pedimos aos pais que, no próximo período, tentem saber junto dos catequistas como está a decorrer a catequese e se forem marcadas reuniões compareçam para que os problemas sentidos no pri-

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

DIRECTOR / EDITOR:
MANUEL DE BRITO FERREIRA

PROPRIEDADE:
Fábrica da Igreja Paroquial
de S. Paio de Antas - Esposende

REDACÇÃO/ADMINISTRAÇÃO:
Manuel de Brito Ferreira
Gonçalo Fernandes
Telefs. 253871438 / 253871887

DEPÓSITO LEGAL
N.º 18861/84

COMPOSIÇÃO / IMPRESSÃO:
TIPOPRADO - Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1 - VILA DE PRADO
Apartado 6-Telef. 253929140 - Fax 253929149
www.tipoprado.com - geral@tipoprado.com

CELEBRAÇÕES BAPTISMAIS

Novos filhos de Deus
5 de Dezembro: Clara Braga Torres Neiva, filha de Jorge Manuel da Cruz Torres Neiva e de Maria Elisabete Pires Braga, residentes na Rua da Aldeia, nº41, L. Azevedo. Padrinhos: Ricardo Braga Lima Branco e Mariana Braga Lima Branco.

30 de Dezembro: Manuel António Crespo Neiva, filho de Fernando Rolo Neiva e de Lucinda Isabel Crespo e Silva. Padrinhos: José António Crespo e Silva e Maria Albina Sousa da Costa.

BODAS DE OURO MATRIMONIAIS ANO 2010

Há 50 anos uniram os seus destinos pelos laços do matrimónio, na nossa Igreja Paroquial.

12 de Março: Albino Pires Laranjeira e Alice de Azevedo Viana

26 de Março: Manuel do Vale Vitorino e Rosa Rodrigues Jorpe

30 de Março: Adélio de Azevedo Sá e Maria Gonçalves Crespo

2 de Abril: Alfredo da Costa Rolo e Irene de Faria Rolo

28 de Abril: António da Costa Maciel e Maria Pereira da Silva

5 de Junho: Napoleão Meira Laranjeira e Acidália Maria Alvarães

16 de Junho: António Alves Gomes e Helena de Sá Calheiros

6 de Agosto: José Vieira da Costa Portas e Ermelinda Cachada Narciso Novo

20 de Agosto: Laurentino Gonçalves de Azevedo e Leontina da Costa Rolo

10 de Setembro: António Faria Ribeiro e Cândida da Costa Matos

22 de Outubro: Hilário Meira Rolo e Amélia Pires Lapeiro

31 de Outubro: José Alves Rolo Afonso e Cândida Alves Laranjeira

3 de Dezembro: António Ferreira Laranjeira e Maria Cândida Cerqueira da Costa

7 de Dezembro: António Fernandes Maciel e Rosária Gonçalves Torres Pereira Viana

10 de Dezembro: Manuel da Cruz Gonçalves e Maria da Fátima Carmalho Moreira

Um total de 15 casamentos, sendo Pároco, P. Apolinário Afonso Pereira Rios

COMUNGAR NÃO É SEMPRE PARA TODOS

cont. da 1ª pág.

3. Um caso muito concreto. Católicos que celebraram o sacramento do matrimónio, se divorciaram civilmente e voltaram a casar, segundo as leis do Estado. Perante a Igreja, tais católicos vivem em situação pública de adultério – e não devem, por isso mesmo, aproximar-se da mesa da comunhão, embora possam e devam participar na celebração da Eucaristia. Esta é a lei da Igreja, que não julga as consciências, mas a situação pública em que as pessoas se encontram. Muitos, porém, continuam a comungar, como se tudo estivesse bem e como se as leis da Igreja nada tivessem a ver com eles. Como não hão-de comer «a própria condenação»?

5. Fique claro que neste, como noutros casos, ninguém está a fazer julgamentos sobre o íntimo da pessoa. Acontece que a vida cristã não diz apenas respeito ao interior de cada um – é também uma questão pública, uma relação com a comunidade dos fiéis. Pode haver cristãos que, em privado, têm comportamentos absolutamente indignos e pecaminosos, e no entanto comungam. Como diz S. Paulo, examine-se cada um a si mesmo, para não comer «a própria condenação» – pois o que faz em privado, sem conhecimento da Igreja, não pode ser tratado doutro modo. Aqueles, porém, que se encontram publicamente fora da plena comunhão com a Igreja e assumem essa situação, devem também assumir as consequências – sob pena de ser a Igreja a dizer-lhes que não podem comungar o corpo do Senhor. Este é um tema muito sério, pois diz respeito à salvação ou condenação de cada um. Examinemo-nos, portanto, e sejamos exigentes nesse exame. E não queiramos, em circunstância alguma, por orgulho, vaidade ou preconceito, ser «réus do corpo e do sangue do Senhor».

Festas Religiosas 2009 Apresentação de Contas

Como é do conhecimento de todos, as Comissões de Festas são nomeadas e presididas pela pároco, que devem apresentar um relatório de contas o mais completo e pormenorizado possível; todos os contratos celebrados têm de ser apresentados no final; as despesas devem ser confirmadas através de factura e respectivo recibo em nome da Fábrica da Igreja Paroquial; todos os pagamentos têm de ser efectuados apenas por cheque, com arquivo de cópia do mesmo, de conta bancária aberta especificamente para esse efeito e em nome Fábrica da Igreja Paroquial de S. Paio de Antas, etc.

Contudo, analisadas as contas das comissões de festas do ano 2009-2010, detectámos alguns erros grosseiros nas da Comissão de Festas de Santa Tecla, Sana Luzia e Santa Bárbara, que não apresentou qualquer contrato (com os artistas, bandas, conjuntos, pirotecnia, som, etc.); fez a maioria dos pagamentos (e alguns muito avultados!!!) apenas em dinheiro (como à Banda de Música, aos Zés P'reiras, Seguros, Rancho, Aparelhagem de som, Flores para a Capela, Tipografia, Cavalos, compra do Contentor, etc.); não apresentou facturas de todas as despesas, nem através de factura e recibo nem sequer da cópia de cheque (como a aquisição do contentor, os seguros, o rancho, etc.); não apresentou a lista das pessoas que fizeram os donativos individuais pelo respectivo lugar, nem as chaves do contentor, que pertence à Paróquia, uma vez que a sua compra foi feita com as contas da festa, etc.

A Paróquia lamenta este tipo de comportamento da comissão de festas de Santa Tecla, Santa Luzia e Santa Bárbara, especialmente do seu vice-presidente, secretário e tesoureiro, e fica a aguardar pelos documentos e chave em falta.

Por seu lado, a Comissão de Festas de Nossa Senhora das Vitórias e de S. Paio apenas cometeu algumas falhas que não comprometem a veracidade das contas, como a passagem de facturas e recibos com o nome incorrecto do titular e a falta da cópia dos cheques.

DONATIVOS PARA A IGREJA

Desde a última *Voz de Antas*, recebemos os seguintes donativos para a conservação dos bens da Igreja e a aquisição da Cruz da Páscoa. A partir desde número, deixaremos de apresentar os valores em escudos.

Nome	Morada	Euros
Família de Arminda da Costa Ferreira	Pereira	750,00 €
Amélia da Cruz Sá, em sufrágio da alma de Manuel Moreira Marques e restantes familiares	Estrada	100,00 €
Anabela Sottomaior Ribeiro, em sufrágio de seus pais e das almas do purgatório	Azevedo	300,00 €
António da Cruz Azevedo e Maria Adélia da Costa Enes	Azevedo	150,00 €
Campanha para a CRUZ DA PÁSCOA		
Manuel de Sousa Caseiro	Guilheta	100,00 €
João Alves Meira	Belinho	50,00 €
Anónima	Azevedo	150,00 €
Vitória Rolo Fagundes	Azevedo	100,00 €

Continua no próximo número

O MELHOR LUGAR PARA OS IDOSOS

Tornou-se uso e também necessidade, colocar os idosos em lares. As casas são exíguas, têm poucas divisões, e o facto da mulher ter que trabalhar fora não permite que os velhos terminem os derradeiros dias no aconchego das casas dos filhos ou parentes próximos.

Todavia nada pior que arrancar o idoso de sua casa, privá-lo dos seus moveis e objectos que o acompanharam ao longo dos anos, para colocá-los em ambiente estranho, apartados do bairro onde nasceram e foram criados.

“ Menina e Moça”, de Bernardino Ribeiro (Cap 1) assevera: Vivi ali tanto tempo quanto foi necessário para não poder viver em outra parte.

Como ela, o idoso afeiçoa-se ao lugar onde nasceu, à rua onde decorreu a meninice, ao sítio onde passou a juventude; se o separam, mesmo que o levem para instalações luxuosas, onde receba esmerados cuidados, sofre atrozmente.

Por isso é que a maioria dos pais, mesmo enfermos, receiam deslocar-se para casa dos filhos.

Amigo meu, pai de várias filhas, enviuvou, e contra vontade sua teve que recorrer à hospitalidade da caçula. Decorridas semanas confessou-me desolado: A casa dos pais é a dos filhos; mas, a dos filhos não é a dos pais.

E explicou:

“Trata-me com muito carinho e sei que fica feliz se me vê alegre; mas...mas só me sinto à vontade no meu pequeno quarto, rodeado dos poucos objectos que trouxe. Perdi privacidade, perdi o direito de ser senhor de mim. Receio telefonar, ligar a TV, de ler à noite, para que não digam que gasto muita electricidade.”

E prosseguiu:

Os filhos consideram que os pais têm obrigação de os sustentar, mas quando chegamos a casa deles, velhos e doentes, passamos a ser um estorvo, não só para eles, mas igualmente para genros, noras e netos.

Certamente é a razão, quando desterrados do ambiente habitual, acabam por falecerem, decorrido meses.

Há excepções, graças a Deus, mas a regra, penso, é essa.

O ideal seria o idoso ficar em sua casa com assistência domiciliária. Mas nem sempre é possível, nem o rendimento da maioria permite tais mimos.

Solidão não é, como se julga, estar só, mas sim desenraizado e ocioso. A capacidade de adaptação vai diminuindo com a idade; apartarem-se dos amigos e locais familiares, se o afastamento é forçado, é traumatizante e pode conduzir ao agravamento de enfermidades.

Humberto Pinho da Silva

O Concurso

Uma vez, fez-se um concurso na escola para ver qual era a criança mais carinhosa.

Apresentaram-se muitas concorrentes. Uma delas, perante o júri, disse:

- Eu ajudei um velhinho a atravessar a rua.

Uma outra contou:

- Eu todos os dias, ao chegar a casa, dou um beijo aos meus pais.

Uma outra relatou:

- Um dia, o meu irmão feriu-se e eu fiz - lhe o curativo.

Uma outra criança disse:

- Dei uma esmola a um pobrezinho.

O júri achou que todos foram carinhosos. Mas o prémio foi para um menino de 4 anos, cujo vizinho é um idoso que perdeu recentemente a esposa. A criança, ao ver o homem a chorar, sentou-se ao seu colo. A mãe perguntou-lhe o que dissera ao vizinho. Ele respondeu:

- Nada. Só o ajudei a chorar.

Quando nos encontramos perante o mistério do sofrimento, a solidariedade passa por chorar com os que choram. E, quando possível, enxugar-lhes as lágrimas.

Ano 2010: Bolo da Felicidade

Ingredientes:

- Três ou mais doses de projectos.
- Uma dose permanente de boa disposição.
- Uma taça de transbordo de alegria.
- Uma pitadinha ou uma colher bom cheia (conforme o gosto) de bom humor.

Atenção: Não utilizar raspa, sobretudo da que raspa os outros.

Preparação:

Enquanto preparas os ingredientes, debes ter o fogão em temperatura constante de pleno serviço aos outros.

A lógica de Einstein

Duas crianças estavam a patinar num lago congelado na Alemanha.

Era uma tarde nublada e fria, e as crianças brincavam despreocupados.

De repente, o gelo quebrou-se e uma delas caiu, ficando presa na fenda que se formou.

A outra criança vendo o seu amiguinho preso e congelando, tirou um dos patins e começou a golpear o gelo com todas as suas forças, conseguindo por fim quebrá-lo e libertar o amigo.

Quando os bombeiros chegaram e viram o que havia acontecido, perguntaram ao menino:

- “Como é que conseguiu fazer isso? É impossível que tenha quebrado o gelo, sendo tão pequeno com mãos frágeis!”

Nesse instante o génio Albert Einstein que passava pelo local comentou:

- “ Eu sei como é que ele conseguiu.”

Todos perguntaram:

- “ Pode dizer-nos como?”

- “ É simples” respondeu Einstein “**não havia ninguém ao seu redor, para lhe dizer que não seria capaz**”.

“ Deus fez-nos perfeitos e não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos. **Fazer ou não fazer algo, só depende da nossa vontade e perseverança.**” (Albert Einstein)

Conclusão: **Preocupe-se mais com a sua consciência do que com a sua reputação.** Porque a sua consciência é o que você, e a sua reputação é o que os outros pensam de si. **E o que os outros pensam é problema deles.**

Homenageemos CORRÊA D'OLIVEIRA

no 50.º aniversário dá sua morte

cont. da 1ª pág.

Há dois dias que vivíamos em sobressalto, sobretudo desde que se espalhou, rápida como o vento, a notícia de que o Senhor Reitor já o tinha sacramentado.

Morreu num sábado. Esperou em agonia lenta pelos primeiros minutos do sábado da Senhora para voar ao seu encontro. Sobre o seu peito, a acompanhá-lo na grande viagem, a Medalha Milagrosa e a da Senhora do Carmo. Ficaram os pinhais em silêncio e o inverno desceu mais triste sobre a Quinta de Belinho. Naquela janela, aberta para as heras e para o jardim, há uma saudade que ninguém mais apagará".

Profundamente abalado pela perda de sua virtuosa esposa D. Maria Adelaide, no mesmo mês de 17 anos antes, Corrêa d'Oliveira previra neste mavioso soneto o reencontro com ela:

*Amor! Amor! Eu creio na Promessa;
Creio no Credo; creio no destino
Das almas imortais e no divino
Suavíssimo esplendor que mais não cessa.
Creio na vida em Deus, que a Deus regressa;
Creio no Dia, sempre matutino
E não como o do sol: ora menino,
Logo de encontro à noite onde tropeça.
Faz, Maria, por virtude tua,
Que em breve eu passe o transe desta rua
Do mundo, e chegue aos teus jardins do Céu.
— "António? António?" E quando, enfim, chamares,
O meu olhar responda aos teus olhares:
— "Maria, aqui estou." — "És tu?" — "Sou eu!"*

A meio da tarde do dia seguinte, a urna, coberta pela bandeira da Câmara Municipal de Esposende e retirada aos ombros dos Bombeiros Voluntários, foi colocada no pronto-socorro daquela corporação. À frente do cortejo fúnebre, em direcção à igreja, seguiam em alas os escuteiros do Grupo 14, de quem o Poeta era padrinho. Imediatamente atrás da urna seguiam os dois filhos, o ministro da Presidência, Dr. Pedro Teotónio Pereira, outros membros do Governo e representantes dos ministros que não puderam comparecer pessoalmente, autoridades civis, militares e eclesiásticas, confrarias, irmandades, deputações e representantes de organismos diversos com os seus estandartes, e milhares de pessoas. A igreja e o adro foram pequenos para tanta gente.

A urna foi colocada sobre um catafalco erguido a meio da nave central. Num cadeirão, junto ao altar, do lado do Evangelho, sentava-se o Sr. Arcebispo D. António Bento Martins Júnior; e no lado da Epístola, em cadeiras especiais, o ministro da Presidência e o conde de

Campo Belo, representando D. Duarte Nuno de Bragança. Dentro da capela-mor, cadeiras para os familiares mais chegados, para os ministros das Finanças, da Economia e das Corporações, representantes dos ministros das Obras Públicas, Comunicações e Justiça, secretário de Estado da Agricultura e subsecretários de Estado do Tesouro, Aeronáutica e Indústria; representante do presidente do Tribunal Administrativo e presidente da Comissão Executiva da União Nacional.

A missa de corpo presente, celebrada pelo Sr. Reitor, foi acompanhada por um grupo coral de Braga dirigido pelo Rev. Alberto Brás.

Seguidamente, subiu ao púlpito o nosso anterior pároco, P.e Benjamim Salgado, que iniciou assim o elogio fúnebre do Poeta: "Estão as harmonias de luto! Está de luto a Poesia! E, se os artistas formam com os Heróis e com os Santos as almas das pátrias, está de luto Portugal. Morreu o seu cantor-mor!" Depois de várias considerações sobre a morte e a sua impotência para destruir o génio e a virtude, afirmou que de Corrêa d'Oliveira nos ficará sempre o que "há de eterno na sua obra e de imortal na sua vida". Elogiou-o como grande Poeta, grande Português e grande Homem, salientando o testemunho de Fé que nos deixava nos seus livros, onde Deus e Pátria são motivos sempre presentes e constantes. "Que o Senhor se amerceie da sua bela alma! Que lhe leve em consideração tanto bem que espalhou! Que aceite o testemunho de tanto bem que criou! E que, em recompensa dos hinos com que por ele foi louvado, lhe conceda que continue a ser no Céu o cantor de Deus e o Poeta de Portugal. Amém".

Enquanto o orador descia as escadas do púlpito, começou o grupo coral a cantar o "Libera me". No final destas cerimónias o préstito fúnebre seguiu, pela mesma ordem, para a capela de Nossa Senhora do Rosário, sendo a chave da urna entregue ao ministro da Presidência. À entrada da urna na capela, o seu amigo Pedro Homem de Melo, também poeta, recitou uma poesia em sua homenagem.

Passados 50 anos sobre a morte do Poeta, que fizemos nós para o honrarmos? Demos o seu nome a uma artéria e promovemos uma conferência e exposição das suas obras em 1980, no Centro Paroquial. Iniciativas dignas de todo o louvor mas que representam pouco do muito que Corrêa d'Oliveira merece.

Fica aqui um repto: Para a promoção de uma homenagem condigna ao Poeta, a realizar no próximo Verão, juntem-se as pessoas de boa vontade, as agremiações da freguesia (não são assim tão poucas) e os organismos autárquicos e paroquiais.

É nosso dever. Vamos cumpri-lo.

Raul Saleiro

Nas mãos de Deus...

Diante da morte repensamos a vida e procuramos acertá-la com o mistério da eternidade.

A morte dos outros está ao longo dos nossos caminhos. A nossa morte está no termo dos nossos caminhos.

O tempo que vai passando é sempre de aproximação ao mistério da morte e não é assim tão grande a diferença entre viver e morrer.

O ponto importante é guiar a totalidade que somos pelas palavras de S. Paulo aos Romanos:

- «Se vivemos, é para o Senhor que vivemos; se morremos, é para o Senhor que morremos. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor». (Rom.14,8).

AMÉLIA ALVES DA CRUZ

(1.5.1917 – 23.12.2009)



Nada fazia supor que, quase 5 meses após a alegre comemoração do 70.º aniversário do seu casamento, nos chegaria a triste notícia do falecimento da nossa conterrânea Amélia Alves da Cruz. Foi ao fim da tarde do dia 23 de Dezembro que, ao dar entrada no Hospital do Alto Minho, em Viana do Castelo, Deus a chamou à sua presença. Ficou assim dissolvido o casamento do casal mais velho da nossa freguesia, celebrado a 4 de Maio de 1939.

Amélia Alves da Cruz, em solteira também conhecida por "Amélia da Tenenta", filha de Domingos Gonçalves Viana e de Maria Alves da Cruz, lavradores, nasceu no lugar de Azevedo no primeiro dia daquele mês e ano em que a Virgem Nossa Senhora apareceu em Fátima. Díficeis tempos aqueles! Por essa altura tinham acabado de chegar a França, para a Grande Guerra, os primeiros soldados da nossa terra. Já outros tinham embarcado para África dois anos antes. Em consequência da guerra, a fome tinha batido à porta de muitas famílias, mesmo das consideradas remediadas. Menina de 8 anos perdeu sua mãe, fatalidade que em tão tenra idade não é fácil de superar.

Viria a casar com António Gonçalves da Torre, nascido no mês de Outubro de 1917, aquele em que a Virgem pela última vez apareceu aos pastorinhos na Cova da Iria. Desta coincidência de datas procedia a devoção deste casal a Nossa Senhora de Fátima, aliada à das Almas do Purgatório. Foram estas devoções que lhe deram alento para superar a angústia de ver três dos seus filhos mobilizados para a guerra colonial e a dor sentida pela morte de outro, o Fernando, já casado.

Deixou na maior dor seu marido e filhos (Maria, José, Manuel, António e Palmira), noras e genro, além de 12 netos e 17 bisnetos.

O seu funeral, que teve lugar na tarde do dia de Natal, foi muito concorrido. A missa de corpo presente, precedida de ofício cantado pelo Grupo Coral, foi concelebrada por quatro sacerdotes.

Que o Senhor a receba em sua glória e a recompense dos seus trabalhos e sofrimentos.

Arminda da Costa Ferreira, com 89 anos, filha de Manuel Ferreira e de Josefina da Costa Cruz. Residia no L. da Pereira.



Armindo Ribeiro de Sá, com 51 anos, filho de António Gonçalves de Sá e de Carminda de Jesus da Silva Ribeiro. Residia no L. da Estrada.



Carlos Alberto da Cunha Enes, 37 anos de idade, filho de Fernando Pereira Enes e de Maria da Conceição Cardante da Cunha. Residia no L. de Guilheta.

Olivia Almeida Machado, 92 anos de idade. Filha de Manuel Alves Caseiro e de Conceição de Almeida. Natural de Belinho, foi a sepultar em S. Paio de Antas a 8 de Janeiro de 2010.

Paz às suas almas!

Nas mãos de Deus Óbitos de 2009

- David Gonçalves Caramalho, 81 anos, L. Guilheta
- Maria Pereira de Sá, 93 anos, Stº Tirso
- Amélia Caseiro Baeta Lário, 44 anos, L. Guilheta. (Darque)
- Maria Gonçalves Pereira, 97 anos, L. Guilheta
- Fábio Alexandre Vitorino Pereira, 22 anos, L. Guilheta
- Durbalina Martins da Fonseca "Paulina", 90 anos, L. Monte
- Manuel Pires, 77 anos, L. Guilheta
- Rosária Rodrigues Meira, 81 anos, L. Guilheta
- Maria Rodrigues Meira "Maria Barros", 92 anos, L. Belinho
- Gracinda Vieira Gomes, 68 anos, L. Belinho
- Ilda Alves de Sá, 84 anos, L. Guilheta
- Manuel Afonso Sampaio, 90 anos, L. Azevedo
- Helena Pereira de Sá, 89 anos, L. Azevedo (L. Estrada)
- Maria de Lurdes Alves Meira da Cruz, 58 anos, L. Azevedo
- Mário Azevedo Moreira, 47 anos, L. Guilheta. (França)
- Emilia Martins Capitão, 97 anos, L. Guilheta. (Vila Chã)
- Miguel Ramiro dos Santos Lima, 39 anos, L. Monte
- Deolindo de Jesus Teixeira, 47 anos, L. Azevedo. (Porto)
- Clara Alves da Cruz Viana, 87 anos, L. Azevedo
- Arminda da Costa Ferreira, 89 anos, L. Pereira
- Armindo Ribeiro de Sá, 51 anos, L. Estrada
- Carlos Alberto da Cunha Enes, 37 anos, L. Guilheta
- Amélia Alves da Cruz, 92 anos, L. Monte

Um total de 23 óbitos, sendo 9 Homens e 14 mulheres.

Que Deus, Pai de Eterna Misericórdia, os tenha junto de Si.

IN MEMORIAM

David Gonçalves Caramalho

Foi há um ano que nos deixou este nosso amigo. É justo que neste número da "Voz de Antas" seja lembrada a sua memória e mais uma vez recordemos a sua extraordinária sensibilidade para "as coisas" da nossa terra.

Para além dos dados biográficos e referências que justamente lhe foram feitas aquando do seu falecimento, há que lembrar o seu contributo para a descoberta das salinas medievais na Foz do Neiva. Com efeito foi ele quem, depois da grande cheia no rio, no Inverno de 1978/1979, ao verificar os efeitos por ela produzidos na foz, alertou a Universidade do Minho para a inusitada descoberta: pedras de ardósia toscamente cavadas e dispostas de tal forma que parecia terem estado assentes em talhões sobre um fundo com vestígios de ter sido argamassado com barro e areia. Em "S. Paio de Antas, Sua História, Sua Gente" diz-se a pág. 89: "Modestos e muito mal tratados pelo tempo e pelo mar, estes vestígios, mesmo assim, ofereceram elementos suficientes ao Dr. Carlos Brochado para os classificar como ruínas inequívocas de salinas medievais".

Uma carta de agradecimento pelo contributo que o Sr. David deu para esta importante descoberta, foi-lhe oportunamente endereçada pela Direcção da Unidade de Arqueologia da Universidade.

Da sua veia poética, aqui ficam estes versos carregados de nostalgia:

*Em tempos passados
Dava gosto ver.*

*Fornadas lá iam
Em sacas branquinhas,
P'ra depois voltarem
Em brancas farinhas.*

*Passavam-se pontes,
Corriam-se atalhos,
P'ra ter pão no forno,
Meu Deus, que trabalhos!*

*Passaram-se os anos
As 'zenhas pararam.
Só recordações
Apenas ficaram...*

*Quebraram-se as rodas,
Caíram telhados,
Ruíram paredes,
Soalhos furados...*

*Morreu o jumento,
Faltou o moleiro,
Ninguém sabe ao certo
Qual foi o primeiro.*

*Azenha velhinha
Que havia no rio,
Parou teu fadário,
Cessou o teu brio.*

*A água do Neiva
Não ficou parada,
Foi correndo sempre
Mas sem fazer nada!*

*Mal chegando ao mar
Põe-se a chorar,
Cheia de saudades
De atrás não voltar.*

*Só recordações
Nos passam pela ideia...
Azenhas do rio
Moengas do Neiva!...*

Com um sentimento de profunda saudade pelo seu desaparecimento e de agradecido respeito pelo legado que nos deixou sob o pseudónimo "Zé do Campo", aqui fica esta pequena homenagem.

*Azenhas velhinhas,
No Neiva a moer,*

Raul Saleiro

AS FLORES E OS FUNERAIS

Três exemplos para meditar

11 de Fevereiro de 1909

O comandante e os camaradas de armas do Sr. Tenente de Artilharia Jaime de Sousa Tudela de Noronha e Nápoles (primeiro marido de D. Maria Adelaide da Cunha Sottomayor de Abreu Gouveia Corrêa d'Oliveira), falecido aos 41 anos na Quinta de Belinho, "manifestando-se profundamente pesarosos pelo passamento do brioso militar, apresentavam as suas condolências à ilustre viúva, declarando que em sufrágio da alma do finado e substituição de uma coroa, dispõem da quantia de 14\$500 reis a favor de um sargento do mesmo regimento".

6 de Outubro de 1924

Tendo falecido em Esposende o Sr. Dr. Henrique de Barros Lima, médico, de 31 anos de idade, ligado por relações de afinidade matrimonial de suas irmãs à Casa Barros do lugar de Belinho, "a Família Correia de Oliveira ofereceu, por intermédio da Família do extinto, o donativo de 100\$00 para o Hospital desta vila, em substituição duma coroa".

18 de Dezembro de 1950

Ao ser aberto o testamento com que faleceu no Porto o Sr. Alfredo Alves de Azevedo, proprietário entre outros bens da Papelaria Azevedo, no Porto, e das quintas de Azevedo, da Cachada e das Ribes, em Antas, verificou-se que no mesmo determinava que não queria flores no seu funeral e que o dinheiro correspondente fosse aplicado em obras de caridade.

CPM em preparação

O centro de Preparação para o Matrimónio, do arciprestado de Esposende vai organizar 6 sessões de formação, viradas para os noivos que tencionem casar durante o ano de 2010/2011.

Tais sessões decorrerão, em princípio em 3 fins de semana, no período de 16 de Abril e 2 de Maio, no Centro Paroquial de Palmeira de Faro.

Aconselham-se todos os interessados a procurar junto dos seus párocos as fichas de inscrição, os quais por sua vez as entregarão à organização do CPM, a que preside o casal Pinheiro, da freguesia de Belinho.

Sendo um movimento da Igreja, o CPM é no entanto dinamizado e dirigido por leigos.

No arciprestado de Esposende teremos de certeza 9 casais a darem aos mais novos a sua experiência, o seu testemunho e a sua alegria de, na sociedade conturbada e complicada em que vivemos, lutarmos ainda por salvar a Família.

Estas sessões serão uma ajuda para isso. Assim, pede-se aos noivos que não desperdicem esta oportunidade.

Manuel Pinheiro

É triste ser velho mas mais triste é a ingratidão

Recomenda as Sagradas Escrituras no Livro de Ben – sira, que é dever dos filhos honrar os pais, para terem vida longa, e acrescenta : “ Ampara a velhice do teu pai e não o desgostes durante a sua vida. Se a mente enfraquece, sê indulgente para com ele e não o desprezes, tu que estás no vigor da vida, porque a caridade para com teu pai nunca será esquecida e converter-se-á em desconto dos teus pecados”- Sir 3:7,14,17.

Ao ler esta passagem lembrei-me dos pais que se viram obrigados a recolherem-se a lares e instituições de caridade, porque os filhos não têm tempo ou não querem em sua companhia.

Recordei, igualmente, aquele jovem, recém-licenciado, que mudava de passeio, quando se cruzava com o pai; e da velhinha, que morava na minha rua, que ia chorar à porta do filho, solicitando malga de caldo, que lhe matasse a fome.

Ambos os filhos estavam bem instalados na vida. Tinham carro e frequentavam requintados restaurantes.

Um, era filho de estuador, que após trabalho, fazia biscatos , para que o filho fosse “alguém”. Dizia orgulhoso o pai, a quem quisesse ouvir : “ Não quero que passe necessidades, como eu sempre passei”.

Formou-se; empregou-se numa grande empresa; casou e teve filhos. Alcançou patamar de vida que sonhou, mas a presença dos pais, envergonhava-o; vestiam-se modestamente; exprimiam-se em termos chãos e plebeus; e desconheciam elementares regras de etiqueta. Enfim! Uma vergonha para o filho.

Acutilante espinho que se cravava na validade. Por isso assentou mudar de morada; apartar-se do velho pai, que tinha mãos calejadas e unhas negras.

O outro, alcançou o quinto ano liceal. Era dinâmico e ambi-

cioso. Cónseguiu singrar na empresa onde se empregara. A pobreza da mãe incomodava-o. Proibira-a de dizer que era sua progenitora, para isso ameaçava-a de cortar a tigela de sopa, que lhe dava diariamente.

Avelhinha, que era socorrida por vicentinos, ia chorar defronte da casa do filho, aguardando, em lágrimas, a magra refeição, oferecida pela nora.

Ser velho é triste, mas mais triste é ser velho e pobre, desprezado por todos e até pelos próprios filhos.

Quantos pais vivem sozinhos – uns em suas casas, outros em lares, - aguardando os derradeiros momentos de vida? Milhentos.

A solidão, a necessidade de convívio, de terem quem os ouça, é atroz. Leva-os a contraírem doenças nervosas, que o acumular dos anos pode conduzir à demência; e tudo, porque foram apartados pelos filhos: uns por vergonha, outros porque não se querem incomodar.

E é tão simples quebrar a soledade: uma visita de longe a longe; um telefonema diário ou semanal; um bilhetezinho pela Internet; um postal ilustrado sempre que se viaja; uma carta do netinho, são bálsamos preciosos para quem vive só.

Infelizmente perdeu-se essas delicadezas, que tanto gozo davam aos avós e a quem vive só.

Os amigos, familiares, filhos e netos, em geral, só se preocupam quando carecem de favor ou prevêem benesses.

Chega-se a ouvir, quando se pergunta: por que não visitas ou telefonas a Fulano, de quem eras tão afeiçoado? A resposta é sempre a mesma: Para quê?! Não preciso dele para nada!

É triste ser velho, mas mais triste é a indiferença e a ingratidão.

PROVAS DE AGREGAÇÃO

O nosso conterrâneo, Gonçalo Fernandes, tesoureiro do Conselho Económico Paroquial, prestou provas de Agregação em Ciências da Linguagem, especialização em Linguística Portuguesa, nos passados dias 24 e 25 de Setembro, e foi *aprovado por unanimidade* (nota máxima). O título académico de Agregado avalia a qualidade do currículo académico, profissional, científico e pedagógico, a capacidade de investigação e a aptidão para dirigir e realizar trabalho científico independente, sendo a última prova pública da carreira universitária e indispensável para o concurso a Professor Catedrático.

Presentemente, Gonçalo Fernandes é o Director do Departamento de Letras,



Artes e Comunicação e Vice-Presidente da Escola de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; é Sócio Correspondente da *Academia Brasileira de Filologia* e Vogal Extraordinário da *Sociedad Española de Historiografía Lingüística*; doutorou-se há mais de 6 anos, em 24 de

Fevereiro de 2003, com a tese *Amaro de Roboredo, um Pioneiro nos Estudos Linguísticos e na Didáctica das Línguas*, tendo sido aprovado com a classificação de *Aprovado com Distinção e Louvor, por unanimidade* (nota máxima); concluiu o Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, em 19 de Julho de 1996,

com a dissertação *Partículas Discursivas e Modais: do Latim ao Português*, tendo obtido a classificação de *Aprovado com Muito Bom, por unanimidade* (nota máxima), na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e Licenciou-se em *Humanidades — Via Ensino*, em 23 de Junho de 1993, com a classificação de 17,0 valores, pela Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica Portuguesa; tem mais de 30 de artigos científicos publicados em revistas da especialidade portuguesas e estrangeiras; editou 3 livros e tem mais 2 no prelo; está a orientar uma tese de doutoramento e tem dirigido algumas dissertações de mestrado.